

NORBERTO MORAIS

O PECADO DE PORTO NEGRO

I

À hora da morte, quando os grandes homens se lembram da frase que os eternizará, D. Luciano de Mello y Goya murmurou:

– Bem-aventurado aquele que prefere morrer com o coração varado de chumbo do que de saudade.

O criado, que o acompanhava, atribuiu-a à febre, cuja inclemência havia semana e meia o consumia, mas o velho governador nunca estivera tão lúcido, desde a hora em que subira a bordo do paquete real, como naquela manhã de Novembro 7, a meio do Atlântico, a caminho da Europa. Nos ouvidos ecoavam-lhe ainda as palavras do capitão Rodolfo Córias, líder da milícia destacada para tomar a capital da ilha de São Cristóvão, depois de o informar do fim do Império em terras de São Miguel do Pacífico:

– Porto Negro é uma mulata da beira do cais, D. Luciano! Não nasceu para usar espartilhos, mas para andar nua por baixo da cambraia.

Por entre a névoa da última hora, a imagem era clara aos olhos de D. Luciano. Não bem uma mulata, como dissera o guerrilheiro, mas uma negra de braço estendido, que ele, por mais força que fizesse, não conseguia agarrar. Treze dias depois de ter abandonado a baía de Porto Negro sob a mira do regimento independentista, o corpo do último governador colonial era amortalhado, benzido e lançado ao mar.

Nas latitudes dos trópicos, mais do que em qualquer outro ponto da Terra, o calor bule com os corpos como pouca coisa se

atreve, mas em nenhum outro lugar tanto quanto em Porto Negro. Fundada na orla de uma baía recôndita, ligada ao mar por uma estreita passagem aberta entre as rochas, Porto Negro é uma cidade quente, cuja proximidade do oceano não refresca. As montanhas altas em torno da baía impedem o vento de desabafar o ar e só de quando em quando uma aragem irrompe pela boca da barra para regalar aos corpos um alívio discreto, como um beijo de mar. Conhecida entre os marinheiros do mundo como a Cidade do Amor Vadio, Porto Negro tem a febre do desejo entranhada no ventre e dá-se a quem chega com a verdade de uma fêmea entregue ao prazer só porque o calor lhe dá. Refúgio de piratas, estaleiro naval, zona franca e, em seus tempos de glória, um dos principais empórios da costa leste do Pacífico, Porto Negro foi sempre um lugar de passagem... Mas quem chega não parte sem a promessa de voltar.

É na beira do cais que a cidade amanhece. Apagado o farol do cabo, assomam os primeiros barcos. Na praia, de mãos sobre os olhos, as mulheres dos pescadores enxotam a viuvez do coração. Vivem à espera do dia em que a manhã não lhes traga o homem que todas as noites as deixa sozinhas para ir roubar o mar. Um pouco antes das sete, a sereia do porto dá permissão aos pilotos para começarem a trazer navios para a barra e os trabalhadores da doca surgem, de todos os lados, por barbear. Compondo-se o chão do mercado de toldos e bancas, quando os sinos da catedral acabam de bater as ave-marias, já toda a praça do cais é um mar a ondular de gente. Descem a terra os primeiros marinheiros – rapazes novos, soprados dos quatro cantos do mundo – e as vendedeiras jovens apregoam mais alto, na linguagem doce do bom entender.

Atravessada a praça do cais, para lá das alfândegas e dos armazéns, abre-se a cidade velha, um emaranhado de ruas apertadas e sujas, ladeadas de edifícios cansados, aos quais o tempo, o ar salgado, o sol e o desmazelo dos homens deixou com aspecto de mulheres decadentes. Tascas, bares, negócios vários, casas de afecto, pensões baratas, e uma mistura de linguajares e cheiros que só quem por ali vive ignora. Homens desocupados enchem as soleiras das portas, aguardentando os sentidos, fumando o tempo em cigarros baratos, que o trabalho é pouco e menos ainda a vontade de o fazer. Também as mulheres se sentam às portas, enteando

conversas, catando os filhos – um de cada amor – que lhes escapam das mãos, descalços, meio nus, no encalço de uma sombra, de um gato, de uma bola de bexiga, desaparecendo da vista no virar de uma esquina para aparecerem por outra, esguelhados e sujos, em gargalhadas feitas da inocência de ser pequeno.

À medida que o casario se afasta do mar, surgem os primeiros vestígios da cidade colonial. Mas é em redor da grande Praça dos Evangelistas – a que o povo chama dos Arcos – que se pode vislumbrar o que foram os gloriosos anos do Império, quando Porto Negro era rota obrigatória dos navios que cruzavam a linha do equador. Os edifícios públicos, gretados, falhos de tinta, desanimados, vão resistindo como podem na dignidade marmórea de damas falidas. E se a Catedral de Santa Maria compensou com almas a quebra de oblações, a Casa da Ópera, que os independentistas transformaram em estrebaria, não resistiu à partida de D. Luciano de Mello y Goya, que a sonhou e cumpriu. Apenas um edifício em Porto Negro é alheio à passagem do tempo: o sombrio palácio que encima a colina da cidade – de onde o povo, por superstição, não se aproxima –, e do qual, se calhar em caminho, talvez se fale.

Entre o meio-dia e as três, tudo abrande e amolece. É a hora mansa da sesta, a hora em que nada acontece; em que as sombras se encostam às paredes, ao fresco que resta; em que os corpos se metem em casa e o mundo desaparece. Chamam-lhe a hora dos amores encobertos! A segunda parte do dia, embora mais curta, passa com lentidão, e quem bule mais duro só anseia pelo último toque da sereia e pela primeira cerveja do dia, que nem em todo o lado as leis são secas. Ao cair da tarde, quando o sol incendeia a boca da barra e os trabalhadores do porto se espalham pelos quatro cantos da cidade, ouvem-se coros de vozes pelas ruas e, vindo dos bares, o romance das primeiras guitarras.

Desce a noite sobre a ilha de São Cristóvão e, no coração da cidade velha, acorda o Bairro Negro. Das varandas, das janelas, das portas, das esquinas, surgem mulheres pintadas, sorridentes, de carnes desenvergonhadas, atirando beijos, propostas indecorosas, promessas de céu aos primeiros visitantes: marinheiros, cáftenes, estivadores e toda a casta de pecadores cujos sonhos se apagam quando o dia amanhece. Também os maricas por ali giram. Sentados

nas esplanadas ou deambulando pelas ruas – que aos homens não pertencem esquinas –, vão pescando intenções nos olhos dos passantes, trocando olhares com apreciadores de outros predicados, no código secreto dos amantes clandestinos. Concertinas e guitarras provocam, seduzem, incitando ao contacto, a beber, a dançar, e o calor – já se sabe – bule com os corpos como pouca coisa se atreve. Cheira a mar, a restos do dia, ao suor da vida dos homens e ao perfume das mulheres da vida. Aos poucos chegam dois e mais quatro, dez com mais vinte, até não haver quem falte, nem espaço para tanta gente. Enchem-se as ruas, os bares, as casas de amor alugado, e a noite faz-se festa até se embrulhar com o dia, até à hora indistinta em que nem uma coisa nem outra, até o arrastar ensonado ser comum a madrugadores e tresnoitados; até o Sol despontar no horizonte e a cidade recomeçar do zero, porque ele há coisas que não mudam nunca; porque é mais fácil inclinar o eixo da Terra do que endireitar a sombra de um pau torto.

Idas as famílias de quinze apelidos, Porto Negro despiu-se de etiquetas e, pondo um vestidinho de nada sobre a pele tisonada, correu, descalça, para a beira do cais, onde o amor é livre e o amar descomprometido. Como disse o capitão Rodolfo Cóias, por outras palavras, não basta uma coroa para fazer rainha uma mulata dos trópicos. Quiseram-na Jóia do Pacífico, mas será para sempre a Cidade do Amor Vadio, onde os navegantes do mundo chegam e partem, trazendo histórias, fazendo História, levando histórias. São muitas as que se contam entre homens do mar e donzelas da terra, e diz-se não haver uma só família, em toda a cidade, sem um *filho da maré*, que assim se foi chamando, no passar das gerações, aos frutos dos amores entre mareantes de passagem e sonhadoras de ver passar. Mães avisam filhas, como suas mães as avisaram a elas, desde muito cedo e pela vida fora, que *amor de marinheiro é fogo de palheiro*. Mas nem os avisos serviram algum dia senão para aliviar quem os dá, nem quem os ouve se lembra deles na hora do fogo à palha. Não acabam todas grávidas – que nem sempre o amor pega de estaca –, mas, porque os marinheiros são mais do que as marés – embora o dito o contradiga –, sempre amanhece o dia em que vem à luz mais um rebento da mareagem, ou do mareio, que para o caso dá no mesmo. Uma rara atracção há nos homens de mil

portos, nos homens de mil histórias, nos homens de mil mulheres. Porém, de entre todas, há uma história que ainda hoje se conta na beira do cais, nas ruas escusas da cidade velha, pelos arcos da praça colonial. Chamam-lhe *O Pecado de Porto Negro*. Alguma coisa teriam de lhe chamar.

II

– Consta para aí à boca pequena que foste tu quem encheu a filha do boticário – segredou Rodrigo de San Simon na direcção de Santiago Cardamomo.

O amigo acendeu um cigarro, aspirou fundo e, como se não fosse com ele, soprou a resposta sobre a cabeça do fósforo:

– É capaz.

– É capaz?! Então e agora?

– Então, agora nada! Parece até que já tem noivo.

– Arranjado à pressa, para esconder aparências.

– Estás a ver que tudo se resolve, Simon! – sorriu Santiago Cardamomo, levando o cigarro à boca.

– Mas se o filho é teu porque não o assumes tu? – perguntou Rodrigo que, tal como Santiago, não conhecia o pai.

– Ganha juízo, Simon. Sei lá se o filho é meu.

– Parece que a rapariga é uma moça séria.

Santiago fungou um sorriso e, aproximando a cara da cara do amigo, sussurrou:

– Já fodeste alguma moça séria, tu?

Rodrigo de San Simon, que não conhecia senão o amor de aluguer, mordeu o lábio, embaraçado, e depois de um silêncio, confessou:

– Não.

– Pois claro que não! As moças sérias ninguém as fode, Simon. Por isso é que são sérias.

Pascoal, que completava o trio na pequena mesa do bar, e tal como os outros dois era um *filho da maré*, explodiu numa gargalhada.

– És um cabrão! – exclamou por fim, assentando uma palmada nas costas de Santiago.

– Eu não; mas o tipo que vai casar com ela...

Desta vez riram todos. O resto da clientela, homens espalhados por mesas ao longo do botequim, ergueu a cabeça na direcção dos rapazes.

– Às mulheres! – propôs Pascoal Saavedra, levantando o copo da cerveja.

– Ao amor! – sugeriu Rodrigo de San Simon, imitando-lhe o gesto.

– À liberdade! – ditou Santiago Cardamomo, colando o seu ao dos companheiros.

Aos vinte e sete anos, Santiago Cardamomo era um jovem na flor da idade, sem planos para o futuro nem preocupações de maior. De boa figura, enchia de suspiros meio mundo de mulheres – bonitas e feias –, mas, por razões que, se calhar em caminho, talvez se contem, sorria mais às segundas que às primeiras. Os amigos, que não alcançavam entre as mulheres o mesmo êxito, arrelivavam-se com as suas escolhas, protestando ser o mal da fartura. Santiago sorria e, de cada vez que o porquê da preferência surgia, a resposta não variava:

– Porque são generosas no amor como a beleza não foi com elas.

Como boa parte dos rapazes da sua idade que não haviam embarcado, Santiago trabalhava no porto, carregando e descarregando barcos. Dono de uns ombros largos, de uns braços fortes, vivia de camisa aberta, arejando o peito. O resto da indumentária resumia-se a uns chinelos e a umas calças de linho cru, sob as quais não trazia senão a generosidade de Deus. Assim confirmavam os amigos que o conheciam bem e as profissionais do porto que lhe gabavam os atributos como a uma relíquia milagrosa. As demais mulheres, com quem se relacionava em segredo, se o diziam, era nas meias palavras, no sorriso dos olhos, na dissimulação com que Deus as dotara de fazerem inveja umas às outras.

Os fins de tarde, acabado o trabalho, passava-os Santiago com Rodrigo e Pascoal, entre copos de cerveja e tacadas de bilhar, na Flor do Porto, bodega explorada por dona Santiago Cardamomo, tia que o criara desde o berço quando a irmã, mãe solteira, lho deixara

a cargo para partir de braço dado com um capitão flamengo. Era um bar pequeno, amarelo, sem janelas, de portas altas, avermelhadas, abertas aos pares para horizontes distintos: duas para a Rua dos Tamarindos, duas para uma rua de que se não há-de falar e outras duas, as centrais, para o Arco de São Mateus, uma das quatro entradas da Praça dos Evangelistas, ou dos Arcos, como é chamada e se passará a nomear.

Por ali se criou Santiago e por ali trabalhou em criança – que à escola sempre foi avesso –, mas, com o romper da puberdade, depressa a tia compreendeu ser mais a desajuda do que o préstimo. Não perdia o ensejo de se plantar à porta, com olhos de alfaiate a tirar medidas, ou desalvorar atrás do primeiro retalho de saia, deixando o bar às moscas e à vontade da freguesia. Dona Santiaga perdera a conta às vezes que viera encontrar o negócio entregue ao destino, e às sovas que lhe dera sem remédio. Santiago, cujo descaramento e a vergonha cresciam em razão inversa, beijava-lhe as mãos douradas e, com o sorriso que haveria de crescer com ele para desgraça de meio mundo de mulheres, dizia:

– Mil perdões, minha tia. Não volta a acontecer – deixando a solteirona derretida e furiosa por também ela se vergar diante daqueles olhos melados. Mas no sangue de Santiago corria o Diabo aos pinotes e a vez seguinte era como a vez anterior.

Acalmou uma época em que a tia caiu à cama com febres e lhe rogou por tudo para não descuidar o bar um só instante e a poupar a cuidados. Santiago assentiu, mas sem ideia do que estava a prometer. Durou sete dias o martírio de dona Santiaga, e sete vezes doze horas o de Santiago, seu sobrinho. Mordia-se atrás do balcão de cada vez que uma mulher do seu agrado passava à porta. As mais atrevidas, conhecedoras já dos seus dotes precoces, desfilavam, demoradas, atirando-lhe olhares provocadores, deixando-o desorientado e sem outro remédio senão aliviar-se ali mesmo, na distração da clientela.

Recuperada a tia da maleita, tornou Santiago ao de costume. De modo que esta – tia, mãe e madrinha – deu uma palavrinha a um dos clientes da casa, um armador do porto, e aos treze anos Santiago assentou praça na estiva, onde o tempo passa mais depressa e os olhos não têm folga para contemplações. Até porque,

por aquelas bandas, mercadoria de saias é artigo esgotado. A semana entregava-a por inteiro em casa, mas do bilhar e das cartas tirava o bastante para distribuir pelos bares e prostíbulos do porto, onde se perdia nas sobras do tempo. Jogador destro e hábil amante, não tardou à fama do rapaz ganhar asas, e em pouco tempo não lhe faltavam mulheres e adversários. O passar dos anos fê-lo homem, mas o sorriso e o olhar mantiveram-no menino, para perdição «dessas cadelas vadias», como a tia lhes chamava na exasperação da arrelia sempre que uma moça passava à frente do negócio com ares de gata miona procurando-lhe o cheiro.

Por vezes surgia o rumor de um rebento seu. Mas nunca as moças o confirmavam e aparecia sempre alguém a assumir a paternidade da criança, em geral homens mais velhos de quem se dizia já falhar a semente. Quanto às casadas, havia um pai natural para os filhos todos que lhes brotassem do ventre. Santiago, esse, seguia pela vida, tranquilo, assobiando liberdade, porque, como dissera a Rodrigo de San Simon, *tudo se resolve*.

Ao contrário de Rodrigo e de Pascoal, que sonhavam embarcar – Rodrigo para conhecer o mundo e Pascoal as mulheres que há nele –, Santiago não se entusiasmava com as histórias trazidas pelos marinheiros e afirmava, ignorando o tamanho dessa verdade, que a vida haveria de ser igual em todo o lado onde houvesse gente. Ambicionava pouco, não lhe faltava nada, e gozava sem angústia o manso passar dos dias, porque a felicidade é uma cerveja gelada e um par de coxas enlaçando a cintura.

Depois do brinde, os três rapazes encetaram uma partida de bilhar. Era cedo ainda para descerem ao Bairro Negro. Santiago levava vantagem, como de costume, e, como de costume, ia provocando os companheiros com lentos goles de cerveja e lentas passagens de giz. Pascoal rilhava os dentes. Rodrigo fumava, descontraído. Ao contrário do amigo, nunca ia com muita esperança para o pano. As bolas, alinhadas no topo da mesa, davam a Santiago a possibilidade de arrumar o jogo em três tacadas. Passou giz pelo cabedal, levou o copo à boca, acendeu um cigarro e, piscando o olho a Pascoal, inclinou-se para o pano, feito um toureiro para a estocada final. Pascoal, inflamado, sentia as chances

minguarem, quando uns cabelos negros sobre um xaile claro fizeram Santiago suspender a tacada para ir contemplar a Natureza para a porta do bar. Uma moça que nunca vira acabava de atravessar o Arco de São Mateus. Era magra, branca, de uma beleza que só ele sabia apreciar, e que a rua deserta ainda salientava mais. Encostou-se à ombreira da porta e, de cigarro nos dedos, ficou a contemplá-la, como à vida, como à mais rara das mulheres, como à única na Terra inteira, como uma mulher deve de ser olhada: como se fizesse já amor com ela. A moça pareceu ganhar pressa de repente.

– Mais depressaavas para cama uma freira do Carmelo do que essa que aí vai! – exclamou-lhe a voz de Rodrigo de San Simon sobre o ombro.

– Quem é? – perguntou Santiago, sem tirar os olhos da rua.

– É a Ducélia – disse Rodrigo. – A filha do açougueiro.

Santiago acenou com a cabeça, observando a moça que avançava, lesta, pela sombra dos tamarindeiros. Curioso! Vivia ali tão perto, do outro lado da rua, umas casas à frente, e não tinha ideia de alguma vez a haver visto por ali. Perguntou se estivera fora, em algum colégio ou convento. Rodrigo respondeu que não, que sempre ali vivera.

– Estranho! – exclamou Santiago. – Podia jurar que nunca a tinha visto – intrigava-se, fixando a porta do açougue que acabava de engolir a moça.

– Também não é nada que mereça o tempo! – exclamou Pascoal Saavedra, que nem era esquisito com mulheres.

Mas Santiago gostara do que vira. Voltaram para a mesa de bilhar para Santiago perder a mão e o jogo em seis tacadas. Pascoal estava eufórico:

– Então, vacilaste?! – ironizou na direção do amigo a quem só ganhava nos dias santos.

– É para teres tesão logo à noite, Vedrinha! – sorriu Santiago, abrindo os braços. E, arrumando o taco e o resto da cerveja, foi depositar um beijo franco na face magra da tia.

– Até mais ver, minha tia.

– Até um dia destes! – atirou-lhe a matrona com gravidade no substantivo. Não havia meio de se habituar à vida daquele desalmado

que a ralava de cada vez que se lhe ausentava da vista. Santiago sorriu, tomou-lhe num beijo as mãos amarrotadas e, abraçando os dois amigos, desapareceu na tarde para as bandas do porto, onde o amor era sincero e barato.

– Como é que disseste que a moça se chamava, Simon? – perguntou na direcção do amigo.

Rodrigo abanou a cabeça e, fungando um sorriso, respondeu:

– Ducélia.

– Ducélia! – sorriu Santiago.

Pascoal olhou para Rodrigo... Uma gargalhada sonora elevou-se do grupo.

III

Tulentino Trajero, o mais concorrido açougueiro de Porto Negro, tinha na filha, Ducélia, extremado orgulho. Menina dos seus olhos, razão maior da sua vida, Ducélia era a depositária das mais altas esperanças de seu pai. Prendada, educada, obediente e – não por ser sua – a filha perfeita. Viúvo antetempo, criou-a sozinho, que mais família não tinha naquela terra e outra mulher não lhe provocou o instinto.

Aos trinta anos, por um infortúnio que, se calhar em caminho, talvez se conte, Tulentino Trajero deixou para sempre a cidade onde nasceu e, a bordo do *Alyante*, viajou onze dias e onze noites entre Antipuará, no país continental, e Porto Negro, fazendo a rota das cinco ilhas que compõem o arquipélago de Santa Maria del Mar. Passava os dias na cabine e as noites no convés, entremeando estrelas com lágrimas, varrendo cacos de alma para os cantos de si. Ao oitavo fez a barba, vestiu-se de lavado e subiu mais cedo para admirar o oceano a engolir o astro. Encostada à amurada do barco, viu uma jovem com olhar tão distante quanto o horizonte do mar. Chamava-se Angelina Fontayara e haveria de ser sua mulher, três dias depois, ao aportarem na baía de Porto Negro.

Para quem se encanta com histórias de amor à primeira vista, lamenta-se o desapontamento por não haver sido o caso, mas a de duas almas batidas pelo destino que o acaso juntou sobre o convés do mesmo barco, ao fim do dia, ao fim dos sonhos. Foi uma união bem-aventurada – que feliz talvez seja um exagero de expressão –, de poucas palavras, parte a parte, na qual sobre o passado de cada

um nunca nada se disse. Não foi uma condição, mas condisse com a vontade secreta de ambos. Faziam amor sem gemidos nem suores, no escuro do quarto apagado, depois do que, cada um para seu lado, que é assim que os bichos fazem, que é assim que a Natureza ordena, pois se assim não fosse andariam os seres da Terra abraçados e aos beijos pelos cantos do mundo. Compreendiam-se, dispensando verbos, que o silêncio, quando bem dito, não deixa nada por dizer. Nunca uma discussão, uma expressão amarga, mas tão-pouco uma declaração de afecto ou um adjetivo mais doce. Ele há mil formas de afirmar sentimentos, basta tão-só havê-los. Assim viveram cinco anos, até o coração de Angelina Fontayara falhar e bater pela última vez num cair de tarde. Nem nesse momento surgiram mais palavras, e foram duas lágrimas de mar, memória líquida de um oceano apadrinhador, a dizerem, nos olhos de Tulentino Trajero, quanto este se doía já pela sua ausência. Cinco anos?! Nem dera pelo tempo passar. Mas isso não era assunto do tempo. E naquela hora de solidão, sentindo a falta do seu silêncio – diferente do silêncio da sua falta –, teve a certeza de haver sido feliz, sem no entanto o ter notado.

Nunca do passado lhe procurou um minuto, mas, quando a boca de Angelina Fontayara se fechou sem remédio, compreendeu que «tarde» e «nunca mais» eram sinónimos de «para sempre» e que aquele corpo dormente era o caixão onde o seu passado se sepultava, a tumba de uma mulher levando consigo uma outra, ou mil outras, cuja existência não chegara a conhecer. Uma sensação de vazio encheu-lhe o peito, como quem acordasse de repente ao lado de um desconhecido. Então, quando já não era possível, quis Tulentino Trajero saber da mulher todos os pretéritos, perfeitos e imperfeitos. E, porque quem ignora conjectura, tudo passou pela cabeça desnortada do magarefe. De repente, todas as dúvidas, todos os fantasmas, os ciúmes todos numa catadupa de angústias e medos. Quantos homens? Quantos beijos? Quantos olhares prenhes de promessas? Não importava?! Pela felicidade da filha que lhe ficava nos braços, que não importava – jurava Tulentino Trajero ante a ignorância e a morte, entre a revolta e a impotência. Qualquer coisa. Qualquer coisa! Aquele buraco no peito é que não. De quem era aquele corpo que ali estava diante dos seus olhos moles?

Que mulher era aquela ao lado da qual adormecera e acordara anos a fio? Quem era, enfim, Angelina Fontayara? Chegava tarde a pergunta porque a resposta morria com ela e com ela iria a sepultar para a eternidade.

Ainda considerou, na loucura do abandono, pegar na cédula da falecida, saber-lhe a origem, embarcar à procura do passado, como se tal lha trouxesse de volta, a substanciasse ou lhe pudesse dar descanso. Mas por fim resignou-se, e, no dia seguinte, depois de o corpo de Angelina Fontayara descer à terra, jurou esquecer o assunto e cumprir, por temor ou fidelidade, a promessa silenciosa de não querer dela senão o dali para diante, quando o horizonte dos dois não era senão um mar de lágrimas sem fim à vista. Pegou fogo à vontade e à cédula da esposa morta, achando que seria possível reduzir a cinzas e fumo tudo quanto fora a sua vida antes daquela tarde poente, no convés do *Alyantte*, quando se aproximou dela e perguntou:

– Está sozinha?

E ela respondeu:

– Estou.

À época da morte da esposa, Tulentino Trajero trabalhava como magarefe no matadouro municipal, que por má fortuna haveria de desaparecer poucos dias depois num incêndio que se alastrou ao coração da cidade, na mais famigerada desgraça da ilha, causando a morte a quase meia centena de pessoas, quando uma manada de vacas em chamas irrompeu pela Travessa da Salvação, esmagando a oito a procissão de Pentecostes. Nem o cardeal Cervedo Tormnes, que enjoara sete dias e sete noites, desde Antipuara até Porto Negro, por convite do senhor bispo Cauille d’Aimar, escapou da chacina de demónios ardentes, que só pararam no porto para se atirarem à água. Viúvo, sem trabalho e com uma filha para criar, Tulentino Trajero sentiu sobre os ombros a arcadura do zero e compreendeu não ter outro remédio senão arregaçar as mangas e deitar mãos ao trabalho. Alugou o resto da casa a D. Sancho Guelba e abriu negócio por conta própria, tinha Ducélia dois aninhos de andar por cá.

A partir desse dia, dedicou-se à filha e ao trabalho, e a partir desse dia foram apenas os dois. Ele mesmo se ocupou dela, como

imaginava dever ocupar-se uma mãe, e, apesar de não ser um homem de afectos fáceis, devotou-lhe todo o amor e cuidado de que foi capaz. Foram difíceis os primeiros tempos para o açougueiro da Rua dos Tamarindos, mas a pequena Ducélia, como quem cedo compreendesse a luta do pai, não dava senão o trabalho que não podia não dar. Sentada à porta do negócio, passava os dias a olhar a rua, num estar quieto e silencioso, indiferente às festas na cabeça que os clientes lhe faziam ao entrar e sair. Um dia pediu para o ajudar e o pai arranjou-lhe um banco alto, encarregando-a de entregar aos clientes os embrulhos da carne. Parecia feliz nesse tempo e nada lhe parecia dar mais satisfação do que estar aí, ao lado do pai, a receber-lhe das mãos os embrulhos e estendê-los à freguesia do outro lado do balcão. Um dia quis aprender a fazer as contas e o pai ensinou-lhe os números e as regras entre eles. Multiplicou a felicidade e durante seis anos foi o braço direito do açougueiro, chegando a encarregar-se do negócio sempre que este tinha de se ausentar por uma hora ou duas. Mas, por motivos que, se calhar em caminho, talvez se contem, Tulentino Trajero achou não ser aquele o sítio indicado para uma menina da sua idade e contratou um ajudante para o auxiliar nas tarefas. Ducélia, então com doze anos, teve de deixar o açougue.

A súbita decisão do pai provocou nela uma tristeza intraduzível. Criada no silêncio que se manteve depois da morte da mãe, onde as coisas ditas não eram senão pequenas pausas nos intervalos dos grandes silêncios, como se os verbos fossem quês superfluos, luxos sem os quais se passava bem, Ducélia não contestou a decisão, acatando-a, como seria de esperar da boa filha que era. Mas, porque ele há coisas que o próprio silêncio não consegue calar, depressa Tulentino Trajero notou um silêncio diferente alastrando-se a toda a casa. Achava haver tomado a decisão certa e cria que, com o passar dos dias, aquele sentimento de tristeza haveria de minguar. Mas os dias passaram e a alegria de Ducélia não dava mostras de reagir. Por várias vezes a surpreendera, espreitando pela porta de grades que dividia o açougue do alpendre da casa, como se esperasse alguma coisa. Fingiu sempre não ver, mas aquela imagem de olhos tristes moía-lhe o pensamento dia fora.

Criada sem mãe, ou outra presença feminina que a iniciasse em tarefas mais elaboradas, Ducélia limitava-se às pequenas coisas. A lida da casa era pouca, visto a roupa estar entregue às lavadeiras do porto, e as tarefas inventadas pelo pai para a manter ocupada se esgotarem depressa, deixando-lhe o resto do tempo vago sem nada com que se entreter. Até a hora da sesta se tornara desocupada, agora que a velha Dioguina Luz Maria tinha partido. Mas essa era uma história desconhecida de Tulentino Trajero e que, se calhar em caminho, talvez se conte.

Não sobrava ao açougueiro tempo para lhe ensinar coisas novas, compreendendo haver algumas alcançáveis apenas entre mulheres. Soube de uma velha modista que ensinava mocinhas num pequeno *atelier* dos Arcos, mas depressa se apercebeu, no pouco tempo da entrevista, não ser aquele o ambiente desejado para a filha. Uma sala cheia de raparigas novas, acaloradas, aos risinhos e aos cochichos, deu ao açougueiro da Rua dos Tamarindos a ideia de serem outros o corte e a costura ali praticados. Tinha uma reserva indistigável em relação às moças daquela cidade, fervendo-lhe o sangue sempre que alguma, mais arejada, lhe passava à porta do açougue. Pois aquilo a que uns chamavam alegria e descontração, chamava ele falta de vergonha e deboche. Conhecia-lhes a fama e as histórias que delas se contavam. Rara aquela cuja vida não tinha um marinheiro ancorado. Mal antigo! Muitas delas filhas de amores fortuitos da beira do cais. Contavam-se pelos dedos as famílias compostas por pai, mãe e filhos, e achá-las com avós de ambas as partes era tarefa mais árdua do que desencantar um espadarte com penas. Mas da vida alheia sabe alheia gente; da sua, sabia ele. Logo, andassem lá como o Diabo quisesse, mas depois não lhe fossem pedir fiado, porque, «ah, que Deus», sozinhas no mundo com um rancho de filhos para criar.

Por isso, quando viu o ambiente do *atelier* dos Arcos, Tulentino Trajero teve a certeza de ali não haver Ducélia de pôr os pés nem para mandar fazer bainhas. Só o imaginá-la de amizade com aquele género de raparigas enchia-lhe as veias de espuma. Sabia bem como as coisas se davam: primeiro um passeio, depois uma festa, um bailarico, e daí para a desgraça um pulinho de nada. Também já fora novo e tentado. Não que Ducélia lhe não merecesse confiança

absoluta! Merecia. Mas o seguro morreu de velho e a prudência rezou-lhe a missa. Assim, antes que o Diabo e as tentações da idade fizessem das suas, tratou ele mesmo de corrigir o destino.

Dias depois, a meio da manhã, uma outra ideia deixou-o entusiasmado. Solicitou uma audiência com a madre superiora do Convento das Teresinhas e, a despeito das regras rígidas da instituição, que não previam o ingresso a filhas de casais não legitimados pelo matrimónio cristão, Tulentino Trajero logrou, a título de excepção e sob o pagamento integral da anuidade e de um generoso donativo para as obras de caridade, a admissão da filha na Escolinha das Sagradas Esposas.

A Escolinha, como a designação sugere, era um centro de boas práticas, dirigido pelas freiras do Carmelo, com o propósito de preparar, desde cedo, as meninas de boas famílias para o futuro papel de esposas – um papel diferente do de ser mulher, que ele há coisas, assume-se, que as religiosas não saberiam explicar. Coisas haveria, também, que Tulentino Trajero, chegada a hora, não saberia ou não teria coragem de esclarecer à filha. Porém, não foi essa a razão a motivar-lhe a escolha, dado longe vir a hora de se preocupar com tais questões.

Além das faculdades do lar e dos labores, na Escolinha das Sagradas Esposas eram ainda ensinadas a oração e o recato, o comedimento e a paciência, a conformação e o sacrifício, virtudes ímpares e tão profícuas à vida e ao matrimónio, em especial num tempo e num lugar onde, lamentavam as mais velhas, pareciam cada dia mais desatendidas. De tudo aprendiam as meninas e moças na Escolinha do convento. Porém, letras, nem um A do tamanho de um anho.

Para Ducélia, no entanto, aquela mudança não representou um presente. Se lhe tivesse sido dado a escolher, talvez optasse por ficar como estava. Mas, percebendo no pai o agrado por aquele ingresso, pela sua frequentação daquele espaço, disfarçou o desinteresse e engoliu o desconsolo para o fundo de si. O açougueiro, esse, estava orgulhoso da decisão certa. Não se lembrava Ducélia de alguma vez o haver visto tão entusiasmado, tão falador, como em relação àquele assunto. Para ela, essa foi a parte boa de tudo aquilo.

Começou então a frequentar a Escolinha das Sagradas Esposas duas horas de manhã e outras duas à tarde. Além das aulas, outras práticas passaram a fazer parte das suas rotinas: a missa aos domingos, a aprendizagem do catecismo aos sábados e a profissão dos seus sagrados sacramentos, a começar pelo baptismo que, também por excepção, lhe foi ministrado. Nos primeiros tempos, Tulentino Trajero esforçou-se por acompanhar a filha ao louvor de domingo – sacrifício cumprido com um desalento de condenado –, mas, antes ainda de Ducélia cumprir treze anos, já assistia sozinha à eucaristia. Apenas nos dias de procissão e em ocasiões especiais, o açougueiro da Rua dos Tamarindos se endomingava para dar o braço à filha e passos sacrificados a caminho da catedral.

Foram-se passando os anos e Ducélia crescendo, sem relevo, na discricção das palavras poucas, alheia a tudo quanto a rodeava, executando, sem prazer nem enfado, as tarefas que tinha de executar. Nunca se lhe ouviu uma queixa, um suspiro mais fundo. Fazia a vida no silêncio das alpergatas e, se pensamentos a entretinham, talvez só Deus, a saber, os soubesse, visto nem mesmo o cônego Crespo Luís, a quem se confessava uma vez por semana, lhos conhecia.

– Uma santa, esta rapariga! – comentava com Deus no fim de cada confissão, quando a mandava de volta para casa sem qualquer penitência, deixando-lhe ao cuidado as orações que bem entendesse deitar ao Céu.

Quando aos dezasseis anos Ducélia foi crismada, Tulentino Trajero acompanhou-a pela última vez à catedral, jurando só tornar a entrar naquele matadouro de almas no dia de a entregar à mão do mais virtuoso rapaz da cidade. Em tantos anos nunca pensara em tal assunto, mas naquela manhã de Agosto, quando a viu em frente do altar toda vestida de branco, sentiu um aperto no coração e um medo frio invadir-lhe os ossos.

Por essa altura já Ducélia passara a frequentar a Escolinha apenas da parte da tarde. Apta para todas as tarefas do lar, havia agora mais trabalho em casa para fazer. Aí tudo estava por sua conta e tudo sempre dentro da pontualidade, do aprumo, do asseio. Nos tempos mortos, que sempre os havia, bordava toalhas e panos para um baú que se enchia de esperanças e sonhos, pois até a mais

simples das criaturas os há-de ter. Reservada, discreta, parecia não existir: uma alma satisfeita, sem ambições ou tormentos – pensaria quem visse. Para descanso do pai, nunca demonstrara interesse em convívios além dos mantidos na Escolinha das Sagradas Esposas. Nunca uma amiga, uma companhia, um rapaz rondando a porta; nunca o pedido para um baile, para uma festa, exceção apenas para a semana da padroeira, em que ajudava as freiras na barraquinha da quermesse. Para além do cumprimento circunstancial na rua a vizinhos e clientes conhecidos, com mais ninguém trocava conversa. Ao contrário da maioria das raparigas da sua idade, cujos corpos calorentos se escapavam pelas folgas dos panos, nunca Ducélia usou traje ou penteado passível de entortar os olhos ao pai. As bainhas dos vestidos beijavam-lhe os tornozelos, as mangas, o início das mãos, a gola, a base do pescoço e, sobre os ombros, a fina discrição de um xaile. Mudava o tecido conforme a estação, mas o corte mantinha-se fiel como as escamas de um peixe vulgar, sem cores ou padrões vistosos. O cabelo, solto pelas costas abaixo, jamais se apanhava, ardesse como ardesse o Estio, que *de nucas suas* – ouvira ao pai – *também é feita a fantasia dos homens*.

Cumpridos dezassete anos, a pouco mais se resumia a vida de Ducélia Trajero, a menina dos olhos do mais concorrido açougueiro de Porto Negro, o homem que a criara sozinho depois da morte da esposa – mulher sem passado nem futuro, que conhecera no convés de um barco com vista para o horizonte do mar e com quem partilhara a vida por cinco suaves anos –; o homem que a procurava proteger até da própria sombra; o homem que não queria para ela senão a felicidade toda; o homem para quem não deixara ainda de ser uma menina que, um dia, haveria de levar ao altar, de olhos tremantes, para entregar a sua mão ao mais virtuoso rapaz da cidade.

